



Estudos Italianos em Portugal
Nova Série, N.º 10, 2015
Instituto Italiano de Cultura de Lisboa

Direcção: Luisa Violo
Coordenação Editorial: Rita Marnoto
Conselho Científico: Aires A. Nascimento, Eugénio Lisboa,
João Bigotte Chorão, Manuel G. Simões, Maria Manuela Tavares
Ribeiro, Paulo Cunha e Silva
Conselho Editorial: Ernesto Rodrigues, Gianluca Miraglia,
Isabel Almeida, Maria João Almeida

ISSN: 0870-8584
Depósito Legal: 228316/05
Design: FBA. Ferrand, Bicker & Associados
Impressão e Acabamento: Simbolomania - Artes Gráficas, Lda.

Direcção e Administração:
Instituto Italiano de Cultura de Lisboa
Rua do Salitre, 146
1250-204 Lisboa
iiclisbona@esteri.it
www.iiclisbona.esteri.it

Coordenação Editorial:
Instituto de Estudos Italianos
Faculdade de Letras
Universidade de Coimbra
3004-530 Coimbra
rmarnoto@fl.uc.pt

Os trabalhos publicados são sujeitos a avaliação, de forma anónima,
por especialistas internos e externos à Comissão Científica e à
Comissão Redactorial da revista.

ÍNDICE

Editorial	5-8
DOSSIÊ – Viagem a Itália	9-92
Ernesto Rodrigues, <i>Notas de viagem a Itália</i>	13
Manuel G. Simões, <i>A viagem a Itália do infante D. Pedro, o das “sete partidas”</i>	27
Giuseppe Mea, <i>Viaggiatori portoghesi in Italia nella prima metà del Novecento</i>	37
José Manuel de Vasconcelos, <i>Viagem, viajar, viajando. A Itália de Jaime Cortesão e de Abel Salazar</i>	59
Manuel Ferro, <i>O fascínio da miragem. Encontros de cultura e viagens contemporâneas de portugueses a Itália</i>	77
ARTIGOS	
Carla Minelli, <i>Spartiti di vita. Testimonianze documentali sulla vita e la musica degli Avondano (XVIII secolo) nell’archivio della Chiesa di Loreto a Lisbona</i>	95
Gianluca Miraglia, <i>“Qual o itálico herói, o audaz Tancredo”. Bocage e a cultura italiana</i>	123
Andrea Ragusa, <i>Ramos Rosa e Pavese. A semântica do silêncio</i>	133
OBRA ABERTA	
<i>Manuel Maria Barbosa du Bocage tradutor de Torquato Tasso</i>	147

RECENSÕES

Fernando Pessoa, <i>Il mondo che non vedo: poesie ortonime</i> , a cura di Piero Ceccucci; <i>Un'affollata solitudine: poesie eteronime</i> , a cura di Piero Ceccucci; <i>Messaggio</i> , a cura di Giulia Lanciani (Gianluca Miraglia)	155
Fernando Pessoa, <i>Sul Portogallo</i> , a cura e trad. di Vincenzo Russo (Manuel G. Simões)	158
Antero de Quental, <i>Cause della decadenza dei popoli peninsulari negli ultimi tre secoli</i> , a cura di Andrea Ragusa, Postfazione di Pablo Javier Pérez López (Vincenzo Russo)	160
Bernardim Ribeiro, <i>Storia di una giovane fanciulla</i> , trad. Alfonso Bruno Parisini (Isabel Almeida)	163
José de Almada Negreiros, <i>Prose d'avanguardia</i> , a cura di Valeria Tocco; <i>Nome di battaglia</i> , trad. Andrea Ragusa (Clelia Bettini)	166
Antonio Tabucchi, <i>L'automobile, la nostalgia e l'infinito. Su Fernando Pessoa</i> , trad. Clelia Bettini, Valentina Parlato (Andrea Ragusa)	172
Alessandro Manzoni, <i>Os noivos</i> , trad. José Colaço Barreiros (Rita Marnoto)	174
Editou-se... (Paola D'Agostino)	179

EDITORIALE

NEL PRESENTARE L'ULTIMO NUMERO della rivista *Estudos Italianos em Portugal*, il decimo della seconda serie, desidero esprimere un sincero e profondo ringraziamento agli studiosi che hanno collaborato alla sua realizzazione, con generosità e passione, alla Professoressa Rita Marnoto che ne ha coordinato l'edizione, e testimoniare la mia gratitudine verso chi, precedendomi alla guida dell'Istituto Italiano, ha saputo mantenere viva la tradizione di una rivista che ormai da molti anni apporta un contributo prezioso allo studio e all'approfondimento delle relazioni culturali fra l'Italia e il Portogallo.

Il dossier monografico che presentiamo quest'anno, dedicato al 'Viaggio in Italia', un tema di grande fortuna europea, ricorda gli scrittori, i letterati e gli artisti portoghesi che hanno visitato l'Italia, lungo i secoli, e hanno lasciato memoria scritta delle loro impressioni. Come si potrà verificare leggendo i cinque articoli, frutto di meticolosa ricerca e lucida analisi, la realtà italiana, sotto lo sguardo dei viaggiatori lusitani, si rivela, a volte, sorprendente e curiosa.

Fra i tre testi raccolti nella sezione *Artigos*, che si inquadrano pienamente nella linea editoriale della rivista, illuminando aspetti storici o letterari del dialogo fra la cultura italiana e quella portoghese, segnalo l'articolo su Manuel Barbosa du

Bocage che vuole essere il nostro contributo alle celebrazioni in atto per la ricorrenza dei duecento cinquanta anni della nascita del poeta di Setubal, al quale sono dedicate anche le pagine di *Obra Aberta*.

Infine, in chiusura di volume, troviamo una ricca sezione di recensioni critiche su quanto di più valido e interessante si pubblica nell'ambito dei rapporti culturali luso-italiani e la breve nota bibliografica che informa sulle opere di autori italiani edite recentemente in Portogallo.

Luisa Violo

EDITORIAL

AO APRESENTAR O ÚLTIMO NÚMERO da revista *Estudos Italianos em Portugal*, o décimo da segunda série, desejo exprimir um sincero e profundo agradecimento aos estudiosos que contribuíram para a sua realização, com generosidade e paixão, à Professora Rita Marnoto que coordenou a edição, e testemunhar a minha gratidão a quem, precedendo-me na direção do Instituto Italiano, soube manter viva a tradição de uma revista que desde há muitos anos acrescenta um contributo precioso ao estudo e ao aprofundamento das relações culturais entre Itália e Portugal.

O dossier monográfico que apresentamos este ano, dedicado à "Viagem a Itália", um tema de grande fortuna europeia, recorda os escritores, os homens de letras e os artistas portugueses que, ao longo dos séculos, visitaram a Itália e deixaram a memória escrita das suas impressões. Como se poderá verificar lendo os seus cinco artigos, fruto de meticulosa investigação e lúcida análise, a realidade italiana, sob o olhar dos viajantes lusitanos, revela-se, não raro, surpreendente e curiosa.

Entre os três textos compilados na secção *Artigos*, que se enquadram plenamente na linha editorial da revista, iluminando aspetos históricos ou literários do diálogo entre a cultura italiana e a portuguesa, assinalo o artigo sobre Manuel

Barbosa du Bocage que pretende ser o nosso contributo para as comemorações em curso do aniversário dos duzentos e cinquenta anos do nascimento do poeta de Setúbal, ao qual também são dedicadas as páginas da *Obra Aberta*.

Finalmente, a fechar o volume, encontramos uma rica secção de recensões críticas sobre o que de mais válido e interessante se publica no âmbito das relações culturais luso-italianas e a breve nota bibliográfica que informa sobre as obras de autores italianos editadas recentemente em Portugal.

Luisa Violo

quello patriottico di *All'Italia* che infervorò la generazione di Castilho. Tuttavia, sottolinea Tabucchi, l'interpretazione operata da Pessoa si dirige in direzione del conflitto tra natura e ragione, concentrandosi sull'immaginazione, sull'essere *altro* e, soprattutto, sulla contemplazione dell'infinito come "universo che si riproduce sempre uguale a se stesso", che accoglie in sé anche il tedio "esoterico" di cui l'eteronimia è intrisa. Il commosso *Canto a Leopardi* pessoano altro non è, in fin dei conti, che una lunga serie di interrogativi diretti ("Se è falsa l'idea, chi mi mette l'idea?"), i quali sembrano partecipare – suggerisce l'autore – di una "epistolografia virtuale" che anche Borges, probabilmente, avrebbe condiviso di buon grado.

ANDREA RAGUSA

Alessandro Manzoni, *Os noivos*, trad. **José Colaço Barreiros**, Prior Velho, Paulinas Editora [Colecção Biblioteca Indispensável], 2015, 727 pp.

Sob o título de *Os noivos*, publica-se a tradução do romance de Alessandro Manzoni *I promessi sposi* numa edição nos seus vários aspectos muito cuidada. O volume abre

com um prefácio de José María Poirier e termina com uma biografia de Manzoni de autoria do tradutor, José Colaço Barreiros. Além disso, é enriquecido por uma selecção das xilografuras que Francesco Gonin realizou para a primeira edição, que saiu em fascículos de 1840 a 1842.

A tradução molda-se ao original italiano com fluidez, de modo a acompanhar o estilo de cada momento do livro, entre os ouropéis barrocos da introdução, a pureza linguística do italiano toscanizado de Manzoni, as inflexões específicas de cada diálogo e toda aquela variedade de tons e emoções que são a seiva das suas páginas. José Colaço Barreiros apoia o seu trabalho no paralelismo entre a sintaxe italiana e a portuguesa, sem se deixar deslumbrar por práticas de transformação que a filologia mostra dispensáveis. Na verdade, na passagem do latim para o italiano e do latim para o português, a evolução destas duas línguas neolatinas seguiu vias paralelas no campo da sintaxe, o que isenta o tradutor de profundas reestruturações fráscas.

O apreço do público português pelo romance de Manzoni não é hoje e foi imediato. Logo em 1841, Castilho dedica-lhe uma nota nas

páginas da *Revista Universal* (11, 9-12-1841) e no ano seguinte sai a sua primeira tradução portuguesa, assinada por um acrónimo, MPC-CDA. Por sua vez, em 1863-1864 surge nova tradução de Matos de Gusmão, *Os desposados*, feita a partir do francês, e nova edição sairá ainda em folhetim no *Correio Nacional*. Seguem-se, já no século XX, as traduções da Editorial Inquérito e de Os Amigos do Livro.

Mas nenhuma delas resistiu ao tempo. Era pois absolutamente necessária uma versão que trouxesse *I promessi sposi* para o uso do português do século XXI, em conformidade com os requisitos linguísticos e culturais da actualidade e de modo a acompanhar o desenvolvimento que a prática e os estudos de tradução têm vindo a sofrer.

A inserção do romance de Manzoni na “Coleção Biblioteca Indispensável”, dirigida por José Tolentino de Mendonça, mostra, por si só, o valor da obra agora de novo apresentada em língua portuguesa.

I promessi sposi / *Os noivos* insere-se no filão do romance histórico, possuindo porém características muito específicas que o individualizam e o distinguem como obra-prima da narrativa oitocentista. A acção decorre de 1628 a 1630,

entre Adda, o Lago de Como e Milão. Em 1821, Manzoni começa a compilar um dossiê a partir de crónicas e documentos sobre a história de Milão no século XVII. Dois anos depois, está pronta uma primeira redacção do romance que se costuma designar como *Fermo e Lucia*. É ainda um esboço, com digressões, cenas soltas e contrastes entre o bem e o mal, escrito numa linguagem compósita que aglutina palavras toscanas, lombardas e galicismos. Acrescenta-se-lhe a *Appendice storica sulla colonna infame*, com os processos instruídos aquando da epidemia de peste de 1630. Sucessivamente, é objecto de uma profunda reestruturação. Ganha carácter orgânico, um tom harmonioso e, sem o apêndice, é pela primeira vez editado em 3 volumes que saem em 1827, a chamada edição “Ventisettana”.

Mas Manzoni estava ainda insatisfeito e queria pesar e filtrar a língua que tinha usado. Faz então uma estadia em Florença, “per rischiaquar si i panni in Arno” (‘enxaguar a roupa no Arno’), citando a célebre imagem através da qual se lhe refere. Assim tem ocasião de conhecer melhor a linguagem falada pelos grupos cultos de Florença, para a usar na nova redacção, a de-

finitiva, que é resultado de uma revisão predominantemente linguística. A edição, a expensas do autor (1840-1842), prima pela elegância. É acompanhada pelas gravuras que a Paulinas Editora agora nos apresenta, e também por uma versão mais alargada da *Appendice*, que em 1991 foi traduzida para português por José Colaço Barreiros.

São vários os factores que fazem deste romance uma obra-prima. A procura de uma síntese autêntica entre estética, razão, história e fé, nos termos em que é levada a cabo nas suas páginas, é uma das mais acutilantes questões que se coloca ao homem dos nossos dias. Manzoni acredita que rigor histórico e criatividade autoral podem coexistir na obra narrativa, de forma a desvelar o sentido profundo do humano e os fundamentos da razão e da fé. Um dos contributos essenciais para alcançar esse patamar é o respeito pela verdade histórica na sua completude, de forma a captar e compreender os problemas dos que sofrem, dos que são vítimas de prepotência, enfim, daqueles de que a história oficial não fala. O mal não é, para o escritor, um facto metafísico, mas responsabilidade do comportamento do homem, o qual torna ilegível o

fio racional que Deus derrama na história, com a certeza de que o sofrimento injustamente vivido Lhe pode ser oferecido como remissão dos pecados da humanidade.

Da mesma feita, este intento reclama estratégias que levam as populações de uma Itália linguística e politicamente dividida a fazerem-no seu. Manzoni usa uma língua tanto quanto possível englobante e desenvolve uma matéria capaz de tocar todos os italianos, contando a sua verdade. Identifica essa língua nos termos acima descritos e escolhe um período de caos político e social para situar a acção, a Milão do século XVII em tempos de peste e desgoverno, o que se presta a contar a vida de pessoas humildes, talvez sugerindo um paralelo com a Milão do seu tempo, ocupada pelos austríacos. Não recua, pois, à Idade Média, como tantos dos cultores do romance histórico (de Walter Scott a Alexandre Herculano). Tratar a Idade Média requeria o alargamento do espaço do imaginário narrativo, por se tratar de uma época menos documentada, e Manzoni perseguia uma estética da verdade, da razão e da fé.

Se fosse necessário atestar a eficácia desses propósitos, bastaria evocar as frases, as tiradas e as si-

tuações do romance que, nos tempos que correm, são correntemente usadas na interação quotidiana dos italianos.

Graças a esta edição, fica assim disponível, em língua portuguesa,

uma obra dotada de uma extraordinária densidade conceptual, que é um marco fundamental da narrativa do século XIX e que continua a atrair o leitor dos nossos dias.

RITA MARNOTO